

OBJETOS DE PENTEADEIRA E MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: MEMÓRIAS DE TEMPOS E LUGARES

COMBINATION OBJECTS AND WOMEN IN THE AGING PROCESS: MEMORIES OF TIMES AND PLACES

Sandra Maria Costa dos Passos Colling¹
Ana Luiza Carvalho da Rocha

RESUMO: Este estudo etnográfico tem por objetivo analisar alguns elementos que compõem a narrativa das 'parceiras' da pesquisa realizada para a dissertação de Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, sobre a relação entre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira. Autores como Maurice Halbwachs, Mary Del Priore, José Reginaldo Santos Gonçalves, Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha, entre outros, trazem fundamentos teóricos para o desenvolvimento desta investigação que se dá no espaço urbano de uma pequena cidade da região do Vale do Rio dos Sinos-RS. As protagonistas deste trabalho nos apresentam narrativas guiadas por seus objetos. Entre bijuterias, imagens de santos, porta-joias, roupas e perfumes, os relatos trazem fragmentos do tempo e do espaço vivido por elas.

Palavras-chave: cidade; envelhecimento; memória; mulheres; objetos.

ABSTRACT: This ethnographic study aims to analyze some elements that compose the narrative of the 'partners' of the research carried out for the Master's dissertation in Cultural Processes and Manifestations, on the relationship between women in the aging process and their dressing objects. Authors such as Maurice Halbwachs, Mary Del Priore, José Reginaldo Santos Gonçalves, Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha, among others, bring theoretical foundations for the development of this investigation that takes place in the urban space of a small town in the region of Vale do Rio dos Sinos-RS. The protagonists of this work present us with narratives guided by their objects. Among jewelry, images of saints, jewelry boxes, clothes and perfumes, the reports bring fragments of time and space lived by them.

Keywords: city; aging; memory; women; objects.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta alguns dados da pesquisa etnográfica realizada na região do Vale do Rio dos Sinos-RS, em 2018, sobre a relação de um grupo de mulheres de camadas medias urbanas, de diferentes perfis e faixas etárias (oito mulheres entre 62 e 102 anos), diante do processo de envelhecimento a partir das interações com seus objetos de penteadeira², Elas nos relatam suas trajetórias sociais e biografias tendo como foco os seus guardados. Em cada um dos relatos elas nos apresentam as

¹ **Sandra Maria Costa dos Passos Colling**, Doutoranda e Mestra em Processos e Manifestações Culturais, Pós-Graduada em Arteterapia e Graduada em Artes Visuais pela Universidade Feevale. Bolsista CAPES. sandracolling@gmail.com - **Ana Luiza Carvalho da Rocha**, Pós-doutora pela Universidade Denis Diderot, Paris VII, Doutora em Antropologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, Mestra em Antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora da Universidade Feevale, nos Programas de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social e Processos e Manifestações Culturais. miriabilis@gmail.com

² Móvel onde se depositam objetos pessoais, normalmente alocado no quarto, com espelho, para que as pessoas possam pentear os cabelos.

transformações de suas visões de mundo e estilos de vida diante das perdas e dos ganhos que marcaram suas trajetórias no contexto das cidades onde vivem, todas elas situadas no Vale do Rio dos Sinos, região conhecida por ter acolhido famílias de origem teuto-germânica que chegaram ao Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XIX.

A região do Vale do Rio do Sinos apresenta um crescimento expressivo de mulheres em processo de envelhecimento, especialmente na ocupação da área urbana, segundo dados do IBGE³ de 2010. Como as parceiras de pesquisa pertencem a este grupo, pode-se perceber em suas narrativas, elementos que tratam das dimensões socioeconômicas, geracionais e de gênero no âmbito do contexto das cidades onde habitam.

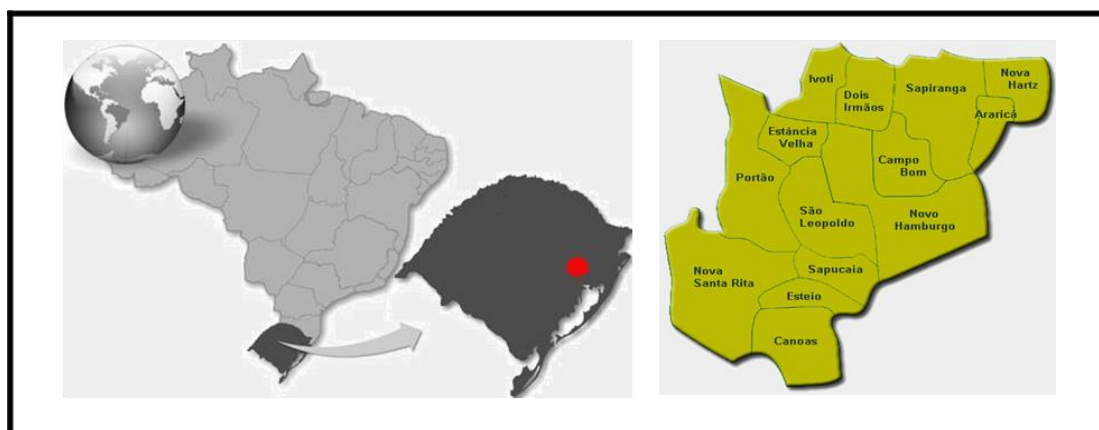


Figura 1: Mapa Geográfico da região do Vale do Rio dos Sinos-RS Fonte: Forner 2017.

Os relatos que testemunhamos associados aos guardados e as inúmeras fotos selecionadas dos álbuns de família, bem como as imagens produzidas ao longo do trabalho de campo, nos possibilitaram a montagem de uma coleção etnográfica rica e complexa orientada por conceitos como gênero, cultura material, identidade, envelhecimento, memória e suas inter-relações, nos moldes preconizados por Eckert e Rocha (2010)⁴.

Da mesma forma que as lembranças e sentimentos de toda uma vida vem associados pelas parceiras de pesquisa a cada um dos “guardados” dispostos em suas

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁴ “No interior de uma etnografia da duração somos desafiados(as) a compartilhar as imagens narradas pelo antropólogo desde o seu encontro etnográfico com o outro e, ao mesmo tempo, convidados a compartilhar nossas próprias imagens e experiências de viver a cidade, resultando, ao final, no entrelaçamento de memórias plurais das quais nasce a cidade como parte integrante de uma comunidade semântica em suas múltiplas interpretações” (Eckert e Rocha, 2010, p. 131).

penteadadeiras, meu contato como aprendiz de etnógrafa com as interlocutoras despertou uma forte carga de emoções que acompanhou todo o seu percurso etnográfico, revelando a importância do compartilhamento da “interioridade da experiência temporal da consciência do antropólogo” (Eckert e Rocha, 2005, p.75) para a compreensão de suas trajetórias sociais em “cidades do interior”. Essas lembranças formam, progressivamente, uma espécie de “caleidoscópio”, despertando naquele que as ouve uma espécie de imersão em fatos, espaços e acontecimentos inesperados. É possível compreender, assim, que a

[...] etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2009, p. 135).

Importante frisar que todos os depoimentos das nossas interlocutoras foram registrados por meio de recursos sonoro e fotográfico, o qual teve como fundamento a técnica clássica da etnografia audiovisual (Macdougall, 1999; France, 2000; Grimshaw, 2003; Samain, 1995, entre outros) utilizada pela tradição antropológica na área, sendo acompanhada do procedimento de pesquisa da observação participante (Magnani, 2009; Velho, 1980; Foote-Whyte, 1975), num esforço de adentrar o movimento não linear dos jogos de memória de cada uma delas sobre suas experiências de vida, nos termos propostos por Eckert e Rocha (2005)⁵ para a pesquisa das íntimas conexões entre os estudos das memórias dos habitantes dos centros urbanos para desvendar as interconexões entre o tempo e a cidade.

ESPAÇO E TEMPO VIVIDOS ATRAVÉS DOS OBJETOS DE PENTEADEIRA

As mulheres em processo de envelhecimento que participam desta pesquisa fazem parte do círculo de amizade de Terezinha Laci Costa dos Passos (71 anos), nossa entrada de rede em campo, conforme estudos de Foote-Whyte (2005). São elas⁶: Lorena Cunha (79 anos), Celina Vargas (62 anos), Valéria Ely (69 anos), Maria Emília Mendonça (102 anos), Marli Oliveira (68 anos), Ana Rodrigues (72 anos) e Eoní de

⁵ Nos estudos sobre o tempo e a cidade narrada.

⁶ Os nomes são reais, conforme solicitação das próprias mulheres quando perguntado no início da etnografia.

Deus (73 anos). Todas elas possuem penteadeira e nelas depositam, exibem e/ou guardam objetos que fazem parte de um patrimônio familiar, sendo aqui abordados como parte de uma cultura material onde se apresentam dados da identidade narrativa de cada uma dessas mulheres em presença de seu processo de envelhecimento. Mas para que se consiga atingir esse grau de densidade na pesquisa etnográfica busquei no trabalho de campo operar “*com o tempo*”. Isto porque é no “consentimento da experiência compartilhada”, que o tempo de convivência com as parceiras de pesquisa se tornou “mais denso tanto quanto densa se torna a demanda de observar situações vividas e de escutar suas falas” (Eckert e Rocha, 2010, p. 123). Ou seja, tornei-me atenta as formas por intermédio das quais a “fluidez temporal” (Durand, 1984, p. 224) configurava o processo de envelhecimento das parceiras de pesquisa para a compreensão das relações que elas teciam com seus objetos de penteadeiras.

Há estudos sobre memórias que consideram documentos sobre pessoas já falecidas e/ou depoimentos de terceiros sobre elas, como na Dissertação de Olívia Silva Nery (2015) sobre Duprat, por exemplo. Os estudos de Eclea Bosi (1994) são fundamentais para se pensar sobre esta questão. Nesta investigação, considero os relatos das mulheres a partir de seus objetos de penteadeira e o que eles trazem sobre suas trajetórias de vida.

Para tanto, havia uma necessidade imperiosa de aproximação, mas essa precisou ser conquistada e não imposta, o que demanda o diálogo com as sutilezas do tempo que impregna os estudos de memória. E assim, foi o percurso denso de entrada e permanência na rede de amigos de Terezinha como parte desta investigação e no compromisso ético no registro da narrativa biográfica de cada uma delas. Foi um ano de idas e vindas às casas destas mulheres, com um roteiro onde a visita inicial era apenas para explicações sobre o trabalho e conversas do cotidiano, onde cada próxima visita foi ‘alargando’ as relações de confiança e os espaços da casa. A previsão inicial era de seis visitas, mas algumas foram além deste número pelo próprio desejo das mulheres de que a pesquisadora retornasse. E assim foi até o dia de retornar com o texto para aprovação final delas. O lugar de cada uma delas, o quarto com a penteadeira e seus objetos bem como o espaço ‘tocado’ por suas memórias foi expandido delicadamente pois

[...] o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2003, p. 170).

Como já citado, Terezinha foi a entrada desta rede social formada. A facilidade desta entrada deu-se em função dela ser a mãe da pesquisadora. A partir dos relatos sobre seus objetos de penteadeira Terezinha enumerou várias amigas que possivelmente tinham este móvel. O contato com cada uma das outras mulheres foi dado de várias formas: por contato direto, por mensagens ou telefonemas. Em cada casa, com cada mulher, a velocidade de entrada nos cômodos foi, apesar de meu roteiro, diferenciado. Algumas logo mostraram o quarto e fizeram questão de que eu olhasse, outras demoraram uns dois encontros. Eu era convidada a sentar numa poltrona ou em uma cadeira. Não tomei a liberdade de sentar-me na cama embora em muitas delas, com o passar do tempo, isso seria plenamente possível.

O compromisso e a confiança foram relevantes para a realização da pesquisa. Portas, gavetas e histórias se abriram. Uma referência do que é aqui pontuado aparece em um dos momentos iniciais de visita à Terezinha que, observando seus objetos de penteadeira, assim relatou:

Estes objetos que estão aqui, muitos deles, fazem parte da minha história, principalmente os que eu tenho de infância - *mexendo nos objetos, ela continua* - eu fui uma criança muito mimada, a famosa ‘raspa do tacho’ depois que eles tiveram o Almiro e a Eracy muito tempo. Eu podia pedir tudo o que eu queria, todas as regalias que eles podiam me dar eles davam. Fui um grude neles, mesmo depois de casada. Quando eles ficaram doentes a gente veio morar com eles - *ela tira o relógio de bolso do porta-joias de porcelana e prossegue*: o pai era uma pessoa muito carinhosa, sempre que saía me trazia alguma coisa e eu gostava tanto de estar com ele que até o resto da comida que ele deixava de comer no almoço eu terminava de comer quando ele voltava porque eu achava que aquela comida tinha um sabor diferente porque tinha viajado com ele.

Neste caso, a memória de Terezinha a partir da demanda de pesquisa foi despertada pelo contato com um dos objetos que estava dentro⁷ de um porta-joias de porcelana sobre a sua penteadeira. Esse relato doce e poético possibilita pensar que o alimento trazido pelo pai a configurou enquanto pessoa. E assim, ela continua seu relato, agregando a sua trajetória social, os itinerários do pai na antiga profissão de carreteiro na região do Vale dos Sinos, e de suas condições de trabalho conectando os pequenos vilarejos com as outras cidades do interior⁸.

⁷ Pode-se aqui recordar as caixas mnemônicas em Aleida Assmann.

⁸ Ver também em Michel de Certeau, A invenção do cotidiano, em “Relatos de espaço” onde o autor comenta a respeito do relato como bricolagem.

O pai era carreteiro e carregava couro pras fábricas de calçado em Novo Hamburgo, de curtumes daqui, de carreta de boi. Ele tinha carteira de carreteiro, então ele levava horas viajando e tinha aquele relógio de bolso que ele carregava junto. Eu achava muito bonitas as histórias que ele contava das viagens que ele fazia porque naquele tempo não tinha rodovia, era tudo estrada de chão, de trilho e o tempo era sempre muito longo, as coisas pareciam muito distantes. Novo Hamburgo era algo muito distante e a comida dele que eu comia na volta, eu chamava de comida de Hamburgo. Então esse relógio me faz pensar em todas essas histórias do pai.

É possível acompanhar aqui as reflexões de José Reginaldo Gonçalves (2007) acerca das teorias antropológicas sobre os objetos e os seus espaços, que subjaz o ato das interlocutoras desta pesquisa ao reinterpretarem as suas vidas diante de seus guardados. Guardados estes que se encontram num espaço privado, ao lado de tantos outros objetos e móveis, tão importantes quanto os contidos nas penteadeiras e que não passam despercebidos por quem sutilmente adentra, de forma consentida, nestes espaços únicos e ricos de memórias. Da mesma forma, dialoga com as subjetividades sociais (Díaz, 1999) que inscritas nos objetos de penteadeiras das interlocutoras, moradoras de cidades situadas no Vale dos Sinos, e os “achados” contidos na escrita poética que conduz os trabalhos de Eclea Bosi⁹ (1994) sobre as lembranças de velhos, realizado na cidade de São Paulo.

E é por intermédio do objeto guardado, o relógio de bolso, e das lembranças de sua infância numa pequena cidade que ele evoca, que Terezinha se anuncia a nós. Não apenas ela, mas certamente todos nós, estamos cercados de uma infinidade de objetos em nosso cotidiano. Entretanto os objetos guardados nas prateleiras de nossas interlocutoras se sobressaem diante de outros tantos cuja “relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós” passa despercebida neste momento de nossa conversa (Gonçalves, 2007, p. 13). Não são mais objetos óbvios com os quais Terezinha detém uma proximidade banal e corriqueira. No caso deste objeto guardado, o relógio de bolso do pai carreteiro se apresenta a nós a partir das reminiscências, aquilo que a faz lembrar, “tocada pelas circunstâncias” de toda uma vida vivida (Certeau, 1994, p. 163). Ele conduz Terezinha a um tempo/espaço especial e a pesquisadora também.

O relógio de bolso tal qual descreve Michel de Certeau (1994) se compara assim a um piano que ao ‘produzir’ sons ao toque das mãos, é sentido pelo outro, mesmo à

⁹ No momento em que converso com as ‘parceiras’ de pesquisa diante de suas penteadeiras, além das questões da memória e do envelhecimento, Eclea Bosi (1994) ‘ajuda’ a refletir sobre as delicadezas das relações destas mulheres com sua casa e seus pertences.

distância. Ele nos guia no tempo a um momento de sua vida entrelaçada a do seu pai, carreteiro, e nos leva a imaginar o trânsito de mercadorias que ocorria no período da infância de Terezinha, entre a pequena cidade de Portão que, na época, abrigava inúmeros curtumes, e a indústria calçadista existente na cidade de Novo Hamburgo. Como ela mesma descreve e ressalta em sua narrativa biográfica “naquele tempo” não havia grandes rodovias asfaltadas e carros, “era tudo estrada de chão, de trilho”, o que para ela, em seu processo de envelhecimento, lhe parecia ser um tempo “sempre muito longo” uma vez que as “coisas pareciam muito distantes”.

Como nos lembra Vânia Carneiro de Carvalho (2008, p. 296) os objetos sempre tiveram uma função social e política, e, em especial, para as mulheres de nossa cultura patriarcal significa que “amar seus objetos é amar a sua família”. Neste sentido, é possível observar a organização do espaço da penteadeira de Terezinha¹⁰ e a distribuição dos objetos, estando as fotografias nas laterais, do neto à esquerda e de seu casamento à direita, a Bíblia a sua esquerda com os vidros de perfume, a casinha de madeira à direita com uma maleta preta, tendo ao centro os porta-joias de tamanhos e materiais variados e acima o rosário de madeira. Esta disposição apresenta sentido para ela e pode nos revelar as razões pelas quais seus guardados são tratados como um espaço sagrado de sua casa.



Figura 2: Terezinha diante de sua penteadeira. Fonte: acervo da autora, 2017.

Vejam agora como a situação se apresenta com outra das parceiras de pesquisa, Maria Emília de Oliveira. Cheguei até ela por intermédio de Terezinha e, depois de um telefonema, marcada a primeira visita e a relação foi dada de forma rápida pois ela é uma pessoa muito aberta ao convívio e disposta a falar sobre suas experiências de vida. Maria, mulher negra, com seus 102 anos de idade, trouxe muitas

¹⁰ Móvel de madeira com espelho retangular e seis gavetas que, segundo ela, tem aproximadamente 20 anos.

histórias, de tempos e lugares distintos, sempre permeadas por gratidão e delicadezas. O depoimento de Dona Maria aponta que "[...] a história das mulheres passa pela história de seus corpos. Sexo belo ou sexo frágil, tais denominações vinculam-se às imagens que nossa sociedade fez dele, de sua beleza ou de sua saúde" (Priore, 2000, p. 14).

Fica evidente a força moral que emana de Maria quando ela, ao nos encantar com suas palavras, reconstrói a si mesma, diante das lembranças das inúmeras situações adversas pelas quais passou. Com uma fala mansa, Maria relata algumas dessas passagens de sua vida, como a morte prematura de sua filha¹¹, sempre orientada pelos objetos dispostos em sua penteadeira, como foi o caso da imagem de Santo Antônio¹², que remete a dor de sua perda.

Esta imagem de Santo Antônio eu tenho guardada desde quando perdi minha filha a recém-nascida. Eu estava em casa, faltando um tempo pro bebê nascer e senti uma dor muito forte. Fui me deitar e apaguei de tanta dor. Acordei com sangramento terrível, já estava nascendo morto o bebê. Foi muito triste aquele dia. Minha cunhada veio, arrumou a criança, meu marido tava trabalhando, quando ele veio a criança tava arrumada, aí ele tinha que 'resistra' (*registrar*). Ganhei esta imagem e guardei comigo. Sempre que olho ela, me lembro da criança - *ela fica visivelmente tocada quando conta sobre este fato*. A imagem do Padre Reus¹³ a Marlene que me deu. Eu gosto muito de ir lá, dá uma calma na gente. Muito bom. Uma maravilha - *e sorri*.

Maria Emília percorre com os olhos a imagem de Santo Antônio e desliza, vagarosamente em seu relato para a imagem do Padre Reus, e nesta aventura em suas dolorosas memórias resgata outra imagem que não está presente, mas que a ambas vem associadas à da pessoa que a presenteou. Conforme nos lembra Halbwachs (2003, p. 57), "É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história". Assim, deslizando entre as imagens dos santos, divaga até chegar ao centro de seu relato, a sua fé católica

¹¹ Falecida durante um parto prematuro.

¹² Padre católico franciscano que viveu no final do século XII na Itália; seus milagres são considerados pela Igreja logo após a sua morte, sendo canonizado Santo. A ele é atribuída a graça à família, mulheres grávidas, objetos perdidos, pobres, entre outros.

Ver mais em <https://formacao.cancaonova.com/espirtualidade/devocao/quem-e-santo-antonio/>

¹³ Johann Baptist Reus, nascido na Alemanha em 1893, ingressou na Companhia de Jesus e, após sua ordenação, foi enviado para o Brasil, mais especificamente para São Leopoldo/RS, onde trabalhou como padre. Por ser místico, tendo tido visões inclusive durante suas missas, logo após sua morte em 1947, já era tido pela população como Santo, com muitos milagres a ele conferidos. Tem o título de Beato pelo Vaticano, onde corre seu processo de canonização. Ver mais em <http://padrereus.org.br/padre-joao-batista-reus/>

inabalável e suas peregrinações ao Santuário¹⁴ do Padre Reus que fica situada na região do Vale dos Sinos.

Pode-se observar que o porta joias se repete em Terezinha e Maria. Outro fator que é importante ponderar é que a imagem de Santo Antônio é a fotografia de um santo impressa em resina, ao passo que a do Padre Reus é apresentada por uma fotografia em papel, amarelada, dando a ver uma aparência de algo antigo, colocada em um retrato. Em razão desses tempos diferentes de cada imagem, é como se o Padre Reus viesse antes que o Santo Antônio, podendo inclusive denotar certo grau de aproximação ou de valor a cada um dos “Santos”.

As conexões simbólicas entre as imagens evocadas por Maria a partir dos objetos não são fortuitas, nem casuísticas. Eles remetem a um simbolismo profundo, o das suas crenças religiosas que lhe permitiram administrar, em sua vida centenária, a morte de sua filha recém-nascida, num parto “às antigas”, feito em casa e assistido por sua cunhada, em condições precárias. Esse fato ocorreu em um bairro popular de Novo Hamburgo/RS, historicamente ocupado, em sua maioria, por populações negras.



Figura 3: Detalhe da penteadeira de Maria Emília Fonte: acervo da autora, 2018.

Ela fica então parada olhando para a imagem de Padre Reus. Depois, continua o seu relato:

Este anjinho as crianças mexeram, quebraram o bracinho dele, mas não consigo me desfazer dele. As crianças gostam de ficar mexendo nas minhas

¹⁴ Santuário do Padre Reus, localizado na cidade de São Leopoldo/RS, é um local onde devotos de várias regiões do país se deslocam para pedir bênçãos e pagar promessas. O próprio Papa Bento XVI, quando Arcebispo na Argentina, visitou este lugar,

coisas. Quando eu era criança não tinha estas coisas em casa. Também só tive uma penteadeira muito tempo depois de casada. Isso aqui tá daquele jeito - *fala sobre certa bagunça na penteadeira*¹⁵ e dá risada. Essas coisas são muito antigas. Esses santinhos vieram todos de lá, desde o bairro Primavera - e aponta na direção norte - no tempo que eu morava lá.

Maria Emília traz lembranças do Bairro Primavera, localizado em Novo Hamburgo, onde há uma grande presença de afrodescendentes, população originária ainda das grandes estâncias de produção de linho, no período imperial, e cujos descendentes foram progressivamente empregados no trabalho braçal dos matadouros e da indústria coureiro-calçadista da cidade. Este espaço, o bairro Primavera, também aparece na narrativa biográfica e trajetória social de Terezinha, pois era por tais terras que seu pai, algumas décadas mais tarde, fazia o transporte de couro produzido pelos curtumes para ser usado nas indústrias de calçado que começavam a se expandir na região. E será em Novo Hamburgo que Terezinha vai aprender, mais tarde, o ofício de costureira de calçados e que vai, conhecer Maria Emília, por ser a mãe de duas de suas colegas de trabalho, sendo Marli, a nossa próxima interlocutora, uma delas.

Marli Mendonça, (68 anos), filha de Maria Emília de Oliveira, depois de trabalhar em fábrica de calçado, atuou na Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo como auxiliar administrativo, sendo coordenadora dos Postos de Saúde do município por dezoito anos. Quando observamos as fotografias que ela tem guardadas em uma caixa em sua penteadeira¹⁶, mostrando a presença em eventos religiosos, escolares e comunitários e seus objetos guardados como lembrancinhas de passeios realizados, Marli demonstra a facilidade de circular em diversos espaços e o gosto pela liderança. Atualmente ela é preleitora da Seicho-no-ie e viaja por todo estado do Rio Grande do Sul para palestrar e divulgar ações.

¹⁵ Maria Emília permitiu que fotografasse a penteadeira, mas não que divulgasse em função da desorganização, o que foi atendido pela pesquisadora. Mas era um móvel de madeira com duas gavetas e duas portas, com espelho retangular pequeno, contendo vários objetos em cima, como livros, potes de talco, vidros de perfume, imagens de Santos e porta joias. As fotografias estavam dentro do móvel em uma antiga caixa de camisa.

¹⁶ Móvel de madeira com seis gavetas, que ela possui há mais de 20 anos. Dentro das gavetas, fotografias e objetos variados como toalhas e guardanapos de crochê feitos por ela. Sobre a penteadeira muitos objetos de higiene pessoal e maquiagem, além de secador de cabelo e agenda.



Figura 4: Fotografia de Marli numa apresentação escolar em 1965 (2ª da esq. para dir.) Fonte: acervo pessoal, 2018.

Assim como Marli, outra parceira de pesquisa, Valéria Ely, hoje com 69 anos conta que, embora tenha nascido e morado sempre em Portão, circulou por diversas cidades da região por motivo de trabalho e de estudos. Além do trabalho doméstico, teve atuação profissional externa, proporcionada pela educação formal. E novamente, a formação religiosa cristã, em particular católica, desponta como valor central para as comunidades interioranas onde todas essas mulheres viveram a sua infância.

Numa das visitas, Valéria abriu uma das gavetas da penteadeira e mostrou uma caixa de fotografias. Observa-se que a penteadeira de Valéria é um móvel de madeira antigo com duas gavetas e duas portas, um pequeno espelho retangular na horizontal e com cantos arredondados. Sobre ela estão a imagem de uma menina em cerâmica e uma pequena caixa de papelão decorada onde ela guarda terços e escapulários. Sua penteadeira não está no quarto principal, mas num quarto de visitas pouco utilizado onde ela guarda suas ‘coisas’ de infância e adolescência.



Figura 5: Valéria diante de sua penteadeira. Fonte: acervo da autora, 2018.

No caso de Valéria, os objetos de que tratam seus guardados são as caixas de fotografias de sua família. Nas imagens apresentadas por Valéria percebem-se eventos religiosos da metade do século passado que reuniam a comunidade de Portão em torno da fé católica, e onde se evidenciam os modos de se vestir e se comportar nestas datas comemorativas, como as procissões e missas (e que nos lembram outros momentos dos relatos das interlocutoras). Valéria mostra uma fotografia e aponta para a primeira menina na fila, uma loirinha, dizendo que era ela que ali estava.

Aqui essa foto mostra as missões em 1953, a procissão final das Missões Religiosas feita no Salão Müller que era o Salão do Teobaldo Müller que era o salão que tinha ali embaixo, que era do pai da Lorena, tinha uns eucaliptos enormes na frente. Então veio de lá em direção à igreja. Isso aqui é a faixa, a RS-240 agora. Eu tava dizendo pra Noeli como o pessoal comparecia. Olha ali nessa foto, a casa do seu Albino, essa casa é onde moravam os pais dele, aqui tá o tio Oscar Müller e aqui tá o pai e tem outra foto em que ele aparece melhor. Uma coisa que me chamou atenção: os homens de terno e gravata. Então esse era um evento em que o pessoal se vestia a rigor pra ir.

A referência a inúmeros pontos da cidade de Portão e sua ligação com outras cidades da região, como Montenegro, o destaque a ela atribuído ao lugar da escola no âmbito social da cidade, bem como a referência a pessoas cujos nomes de família (Link, Koch, Pohl), remetem os guardados de Valéria às estórias lendárias da presença teuto-germânica na região, assim como a presença de descendentes dos colonos italianos que começam a chegar na região do Vale dos Sinos.

No caso de Valéria, a importância da fotografia diz respeito à leitura da comunidade sobre o que ela se debruça para dali narrar-se como personagem de uma

estória. Segundo Miriam Leite (2001, p. 76), a fotografia não apenas apresenta o grupo social retratado, mas aquilo que um grupo social “silencia” sobre si. A fotografia assim, nos conduz a refletir sobre possíveis indícios por meio dos quais o grupo social quer ser visto pelo observador, mas que podem, por outro lado, ser um convite para ele perceber ou sentir “outros níveis da realidade”, pelo que ali não está presente.



Figura 5: Missões em Rincão Cascalho¹⁷ Fonte: arquivo pessoal de Valéria, 1953.

A presença das figuras de meninas vestidas de branco na ambiência do cortejo aponta para a experiência das festas na região e o lugar simbólico e prático das mulheres na promoção destes eventos religiosos. Da mesma forma, revela a presença de alguns negros no cortejo que eram integrados a comunidade étnica em função de sua adesão à fé cristã (Nunes, et al., 2013). Como os seus guardados nos revelam, Valéria se apresenta como alguém que é portadora desta memória coletiva e social, de onde emergem as suas memórias pessoais.

Semelhantes narrativas também são trazidas por Lorena da Cunha, 79 anos, outra de nossas interlocutoras, ao nos apresentar os guardados de sua penteadeira. As procissões são também mencionadas como parte dos objetos e relatos guardados por meio dos quais Lorena se apresenta a nós. Ao nos contar a sua trajetória, entre imagens de santos, medalhas, escapulários e terços dependurados em sua penteadeira, ela restitui parte dos fragmentos do local onde viveu sua infância e juventude, e onde as capelas e igrejas se destacam como territórios fundacionais de sua própria biografia. Lorena diz:

¹⁷ Localidade hoje pertencente ao município de Portão/RS, sendo que, nesta época, pertencia a São Sebastião do Caí. Atualmente, neste lugar está situada a Praça de Pedágio no entroncamento entre Portão – São Sebastião do Caí – Montenegro. Um dos locais mais utilizados para ligar a capital Porto Alegre à cidades da serra gaúcha.

Pra tu ver, na minha primeira comunhão eu fazia catequese na Capela São José, tu vê quantos quilômetros eu andava a pé, hoje em dia as coisas estão tudo dentro das casas e as pessoas não querem, né? Não tinha igreja no Rincão, não tinha nada. Aí eu caminhava até a igreja São José pra fazer a catequese e fiz a primeira comunhão lá. Daí depois, eu já era adolescente eu acho, tinha uns quinze, dezesseis anos que passou uma procissão, que veio umas missões com uns padres missionários pelo Rincão, que daí que começou a igreja lá, eu sempre tive envolvida também assim com a igreja, sempre, trabalhei, sempre tive participação.

Nos relatos de Lorena, as passagens de sua trajetória profissional junto a prefeitura da cidade de Portão no início da década de 60 e sua migração da área rural são marcas por meio das quais seus guardados (brincos, vidros de perfume, lembrancinhas de lugares visitados e imagens de Santos) da vida vivida numa cidade do interior dão rítmica às lembranças de si. Traz os percursos da vida com sua família de origem, no sítio, à formação de sua família (marido e filhas), na área central da pequena cidade de Portão, às suas atividades formais laborais junto a Prefeitura, passando pelo serviço informal na condição de doméstica até a sua retomada de um trabalho formal, na condição de autônoma, dona de uma pequena papelaria na cidade. Ela recorda:

A gente morava lá no sítio, o marido ajudava o meu pai que era ferreiro, trabalhava assim. Mas nisso daí foi criado o município, criada a Prefeitura e gerou esses empregos, e aí nós fomos convidados a morar ali e cuidar como zeladores da Prefeitura. Nos convidaram e aí a gente veio, daí eu trabalhei ali. Eu trabalhei quatorze anos, eu acho, ali. Não, antes da Daniela nascer daí eu parei de trabalhar. Mas eu fazia faxina na Prefeitura, cuidava, fazia cafezinho, fazia todo serviço da doméstica do ambiente. Depois disso eu comecei com comércio, eu abri uma lojinha, de papelaria, que aí não tinha papelaria por aqui, pros alunos das escolas. E daí eu trabalhei, não sei quantos anos na lojinha de papelaria, Miscelânia era o nome. Aí trazia os livros por encomenda, os professores vinham e diziam: ‘Tem tantos alunos’, e daí a gente encomendava os livros e tinha material também. Foi um tempo especial.

Lorena me leva da penteadeira – um móvel de madeira com três pequenas gavetas e duas portas, com espaço inferior ao centro para colocar a banqueta que acompanha – de seu quarto à sacada de seu apartamento para nos apresentar, o local onde sua “lojinha” de material escolar nasceu. No entorno se concentram o prédio da Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal de Vereadores, os bancos, a maior escola do município e as primeiras e mais importantes lojas do comércio, além de uma praça com chafariz, um ginásio de esportes e um centro de eventos, onde, nos dias atuais, se realiza

a maior festa da cidade, a Volksfest¹⁸. Os guardados de Lorena nos levam de dentro para fora de sua casa e com eles percorremos as estórias do crescimento da cidade de Portão para a região do Vale dos Sinos. Sua narrativa biográfica de sucesso se mescla às conquistas da cidade onde nasceu, cresceu e reside até os dias atuais.



Figura 6: Lorena através do espelho de sua penteadeira Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

É neste ponto que a trajetória social de Lorena se entrecruza com as de outras duas parceiras de pesquisa. São elas, Celina e Ana, que vieram morar em Portão, segundo elas, em busca de emprego e melhores condições de vida. Ana Maria Azevedo da Silva, 72 anos, nascida na cidade de Capela de Santana, antiga área denominada de ilha do Rio dos Sinos, conta sobre suas andanças, desde a infância até chegar aos dias de hoje, onde sua casa, seu bem maior, finalmente representa tudo que sempre sonhou como lar.

Eu nasci na Capela, em casa, uma morena - *ela se refere a uma negra, segundo ela mesma* - que fez o parto da mãe. A mãe tinha sete filhos, três mulheres e quatro homens. Eu era a mais nova, o meu irmão mais novo antes de mim tinha onze anos quando eu nasci. Foi bem distante assim, ela nem

¹⁸ Festa anual no mês de outubro, promovida pela Prefeitura Municipal de Portão onde acontecem exposição e venda de produtos variados e atividades culturais e recreativas.

pensava que era gravidez aquilo assim, ela achava que era da menopausa e eu sempre dizia assim, eu não fui planejada e ela ficava sentida comigo.

Novamente aqui, a experiência das gerações de velhas senhoras que tinham por hábito dar à luz em casa, muitas delas em condições precárias. A procriação e as atividades domésticas inúmeras vezes intercaladas com as atividades na horta e no cuidado com os animais domésticos é destacado aqui como herança de uma família pobre que trabalhava na região da área rural do Vale dos Sinos, na direção do Caí e Taquari, provavelmente numa situação de dependência do seu “padrinho”, os donos da terra onde a família morava e labutava. Em seu sofá, na sala de estar, Ana calmamente narra:

Tinha oito anos quando saí de lá da Capela. Eu ia no colégio da Arrozeira, que era a fábrica de corda na Capela, a Arrozeira Brasileira - neste momento o marido dela entra, nos cumprimentamos e ele senta para ouvir nossa conversa. Da Capela nós fomos pro Rio dos Sinos em São Leopoldo. O pai foi obrigado a sair da Capela porque ele não ajudava mais o padrinho Orestes que era o dono da chácara onde nós ‘morava’ e aí assim ele só cuidava de cavalo e corrida de cavalo, daí esse meu padrinho ficou brabo porque ele não se interessou mais de plantar. Porque eles sempre colhiam mato, esse tipo de coisa, e ele chamou e disse pra ele sair da chácara, isso que ele não ganhou nada né, ele saiu com as mãos abanando.

Como muitos outros relatos de famílias da área rural, a narrativa de Ana percorre outros deslocamentos anteriores até a sua chegada a Portão, passando por São Leopoldo, Pareci e Conceição, num retorno a região do Rio Cai.

Naquele tempo não se sabia de direito, nada, por 25 anos a mãe morou lá. Na verdade, a gente foi daí pro bairro Santos Dumont em São Leopoldo. Ali onde tem uma rua que vai lá pra Novo Hamburgo, mas é assim beirando o rio sabe, o Rio dos Sinos passava assim na frente. Teve uma enchente muito grande naquela época, meu Deus, quase entrou água dentro de casa, a mãe ficou apavorada. Aí nós fomos pra Pareci, no Boqueirão, no Carlos Simas. Lá ele tinha açougue, daí o pai ajudava a matar os bois, e depois a cortar, ajudava no açougue com o Antônio. Ali nós tivemos uns quatro anos eu acho. Eu fiz minha primeira comunhão lá.

Em todos os deslocamentos, Ana acompanha a sua família, com o pai trabalhando em vários empregos e morando em áreas de risco, como muitos outros migrantes que se deslocavam para a região do Vale dos Sinos, para atuar nas fábricas de calçados e curtumes, geralmente banhados próximos às águas dos rios existentes na região (Rocha, Nunes, Figueiredo, 2016). As inundações e enchentes assim como as dificuldades da vida que levavam em moradas precárias vão conduzir a narrativa de Ana

à relevância de seus guardados, dentre eles a primeira tesoura que usou como cabelereira, e que remete à aquisição de sua casa própria. Esta tesoura estava na segunda gaveta da penteadeira de Ana, que é na realidade um conjunto formado por um móvel de seis gavetas e um espelho retangular. E Ana continua sua fala:

Daí nós fomos pra Conceição, em São Sebastião do Caí. Nós moramos lá bastante tempo, mais de cinco anos. Nós ficamos lá plantando né, naquela época a mãe era doente e ainda fazia essas coisas, capinar. Eu já devia de ter uns quatorze anos já. Depois a gente foi morar numa chácara, nem era chácara, era um pedaço de terra, no tio Oscar, como é que é, ali no Vilson da Olga - *ela aponta como que mostrando que é aqui perto, em Portão mesmo*. Era uma casinha assim bem pequenininha - *e espicha a palavra pra afirmar* - e a mãe tinha móveis, móveis, muitos móveis, os filhos davam, traziam, daí a gente ia de carreta de boi na mudança, umas quatro carretas assim, carregando.

Ana apresenta sua casa como centro de seu universo. Ao observar suas narrativas sobre as casas ‘vivas’¹⁹, o relato sobre si parece incrustado em cada peça da casa onde nosso pensamento e o de Ana adentram.

Aqui que conheci o meu véio – *ela se refere ao marido*. Ele morava aqui pertinho. Aí quando eu noivei, nós fomos morar no Faxinal que é agora ali onde tem aquele açude grande ali, depois daquela curva onde tem a Santa Rita, como é que é, é uma casa pra mulheres drogadas, ali na esquerda, a gente tinha aquela chácara daí, onde tem aquele açude grande. Aí fizeram uma campanha aí e fizeram aquela casa pra nós. O padrinho era o dono da chácara, ele dava autorização assim pra ela fazer tudo, tirava leite das vacas, fazia tudo. Daí a gente ficou lá um tempo e o pai foi chamado pra trabalhar com o Carlos Simas. Foi muitas idas e vindas, pra lá e pra cá. E muita coisa da mãe foi se perdendo com tudo isso.



Figura 7: Ana se olhando no espelho enquanto fala de sua profissão de cabelereira. Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ana viveu intensamente o momento quando construíram sua primeira casa. Este espaço de recolhimento, afetos e laços de parentesco é, para ela, um lugar sagrado.

¹⁹ As diversas casas onde Ana viveu.

Conforme suas palavras, finalmente, proprietária de um lugar para morar, a casa é “fruto do meu trabalho como cabelereira e do esforço dele (*seu marido*) como pedreiro”. Sua narrativa demonstra que, como afirma Bachelard (1993, p. 24) “[...] a casa é o nosso canto no mundo”.

Nas visitas à Celina de Vargas, outra das parceiras de pesquisa, ao adentrar no quarto do casal pode-se ver que sua penteadeira é um móvel recente, em MDF²⁰ branco, com seis gavetas largas onde ela guarda uma infinidade de objetos: bijuterias, discos, cartões postais, mini objetos, entre outros. O mais interessante é a forma como as gavetas de sua penteadeira se abrem para desenrolar o novelo de seus caminhos. Celina abre cada gaveta com muita alegria e vai esparramando os objetos sobre sua cama, enquanto vai narrando vários acontecimentos.

Na minha vida toda não tive muito estudo, tive muita dificuldade - *fala com certa timidez*. Eu vim da colônia e tive de começar tudo na minha vida com muito esforço. Era o trabalho na roça, era ir de caíco (barco pequeno) pra escola, era trabalhar em casa de família, namoro proibido, a perda dos meus filhos. Muita coisa.

Quando eu era criança eu estudei até a terceira série, perto de casa, e depois tinha que atravessar o rio de Caíco para estudar. O problema era quando dava temporal e tinha que ficar em Arroio do Ouro, do outro lado, - *e gesticula com as mãos* - na casa de um casal conhecido dos meus pais porque não dava para passar no rio. Mas foi só dois anos porque quando entrei na 5ª série logo tive que sair porque tinha que ajudar o pai na roça. O trabalho era duro, puxado, tinha que ficar abaixada perto da semeadeira - *ela abaixa as mãos e fica parada pensando*. Um dia desmaiei, não aguentava, era pequena e ficava muito tempo daquele jeito. Mas eu não tinha medo do serviço.

Ao mostrar bijuterias antigas e mini objetos de acrílico, Celina lembra do abandono de seu sonho de estudar pela obrigação de “ajudar o pai na roça”. Um trabalho que iria prepará-la, como muitas outras meninas na região do Vale dos Sinos, às atividades de doméstica, em sua maioria em casas de famílias brancas e abastadas das camadas médias e das elites locais. Ela diz que muitos destes pequenos objetos adquiriu quando de seus primeiros salários como empregada, para decorar seu pequeno quarto nos fundos da casa dos patrões²¹. Morar na cidade e ir em busca de melhores condições de vida são pontos que amarram os seus guardados a um tempo de labuta e de busca de realização pessoal, ter uma família e um trabalho digno.

²⁰ A sigla MDF significa “Medium Density Fiberboard” e consiste em uma chapa de madeira de fibra de média densidade produzida a partir de um processo de aglutinação com a ajuda de resinas sintéticas e aditivos. As chapas são posteriormente coladas umas sobre as outras com resina e depois fixadas através de pressão.

²¹ Como são chamados ainda hoje os empregadores desta região.

Quando eu fiz 17 anos vim atrás da minha irmã. Ela conseguiu uma casa de família pra eu trabalhar. Fiquei dois anos e meio trabalhando lá, tinha que limpar a casa, cozinhar, lavar, até tirar leite das vacas. A dona Orlandina não queria que eu conversasse de tardezinha no portão com meu namorado. Era triste, era só uma conversa no portão. Num domingo fui numa reunião dançante na igreja perto de casa e quando cheguei de volta tive que tirar leite das vacas no escuro. Pedi pra sair quando consegui arrumar outra casa pra ir porque não aguentava mais. Só tinha folga no domingo de tarde. E olha lá. E o salário também era muito pouco, a única vantagem é que tinha carteira assinada.

Para Celina, ter vindo do interior para uma cidade um pouco maior, com oferta de emprego, festas e eventos que ela desconhecia, foi motivo de encantamento. Ela construiu sua trajetória trabalhando e formando uma família em uma rua tranquila e cercada de familiares de seu esposo. Mas, de acordo com ela, muitas foram as dificuldades até conseguir realizar os sonhos que tinha e para se reconstruir diante de cada obstáculo. Falando sobre o casamento, Celina abre uma das gavetas de sua penteadeira e mostra seu vestido de noiva, com véu e grinalda. Assim, ela apresenta diante de nossos olhos, um dos momentos mais marcantes de sua vida.



Figura 8: O vestido de noiva de Celina Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Ela imediatamente sobre em uma cadeira e coloca o vestido diante e seu corpo, muito animada, dizendo que este objeto, embora não sirva mais nela, guarda um sonho realizado: o de casar vestida de branco, em uma linda cerimônia, com o homem de sua

vida. Em seguida, ela dobra delicadamente o vestido, o véu e a grinalda envoltos num papel vegetal, e guarda nas duas últimas gavetas de sua penteadeira. “São um tesouro para mim” – diz ela.

Por fim, mas nem por isto menos importante, apresento alguns relatos de Eoní, 73 anos, moradora de Portão, professora aposentada, que nos conduz na manipulação de seus guardados, diferente de Celina, não ao seu casamento, mas ao impacto que sofreu em sua vida com a perda de um de seus filhos, um fato que marcou a vida de outras parceiras, como Maria Emília, por exemplo.

Entretanto, se foi fundamental para algumas de nossas parceiras de pesquisa, a religiosidade adquirida com as suas famílias de origem, na experiência de uma cidade de interior, na narrativa biográfica de Eoní se destaca a importância significativa por ela atribuída à experiência vivida com os amigos e vizinhos como parte essencial de retomada de sua vida após o luto.

Da mesma forma, moradora de um bairro onde as relações de vizinhança ainda são marcadas por laços intensos de solidariedade, Eoní destaca igualmente a presença dos amigos e dos vizinhos para a reconstrução de sua vida social pós-aposentadoria do magistério. Como veremos, para Eoní a aposentadoria deixa de ser um tempo de recolhimento para ser sinônimo de lazer e, para tanto, “já não se trata de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar-lhes cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada” (Debert, 1999, p. 61).

A casa de Eoní possui muitas prateleiras com livros. Ela mostra as peças da casa e conduz ao quarto principal onde possui uma penteadeira de modelo contemporâneo, de madeira branca, com formas retas. No quarto de costura ela tem a penteadeira que foi sua na juventude, relíquia segundo ela, e onde guarda vários pequenos objetos que são apenas dela e não do esposo como no outro móvel. Esta penteadeira de madeira com detalhes em baixo relevo, com espelho retangular na vertical, tem três pequenas gavetas do lado direito, com espaço vazio no lado esquerdo para acomodar a banqueta que a acompanha. Sobre a penteadeira, um guardanapo retangular de crochê, feito por Eoní, com vários porta objetos e um espelho arredondado para observar o rosto, num suporte de madeira. Sentada diante de sua penteadeira, Eoní traz histórias de vários lugares e tempos e reafirma, em plena aposentadoria, o trabalho como valor para uma região de colonização europeia autointitulada como aquela responsável pela instrução do trabalho livre no sul do Brasil.



Figura 9: Eoní diante de sua penteadeira Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Em um outro momento, Eoní tira do porta-joias de cerâmica seu anel de formatura. Ele é apresentado como um dos bens econômicos mais valiosos que ela possui, mas também pelo valor que simboliza diante das relações sociais na esfera pública, assim como muitos objetos que são do mundo privado apontam para a esfera pública. Fora do antigo ambiente de trabalho, pós-aposentadoria, o anel representa um meio de fazer com que ela se sinta pertencente a um grupo, reafirme sua trajetória profissional, tendo o coletivo como sustentação para os desafios apresentados nesta nova etapa da vida. Talvez por isso mesmo, ela tira do porta-joias que está na penteadeira e coloca no dedo para mostrar.



Figura 10: O anel de magistério que Eoní guarda em sua penteadeira Fonte: acervo da pesquisadora, 2018.

Distante do contexto de uma grande metrópole, antes de ser um momento de crise, a aposentadoria se abre como um espaço para novas possibilidades, em razão das políticas públicas locais que se implantaram nas últimas décadas em inúmeras cidades

do interior da região do Vale dos Sinos. Então Eoní mostra pequenos objetos que ganhou de presente nas brincadeiras e encontros que participa pelo SESC²² e conta:

Eu acho que eu mantive o vínculo com a profissão porque a gente tem os grupos, é bom pra gente manter esses vínculos. Parece que a gente se sente mais viva, mais gente. Se não tu vira só cuidar da casa, fazer comida. Porque o serviço da casa tu faz todo dia, todo dia tu tem. Eu gosto da casa arrumada, mas eu não sou aquela pessoa, ai Deus o livre ali tem um pozinho. Ah, se eu tenho vontade de ler eu pego o livro e, eu gosto de sentar lá na sala, eu fico bem quietinha, vou lá e leio, de manhã, de tarde, a hora que tiver vontade. Se eu quero olhar um filme de tarde, eu olho, eu acho que eu tenho que me dar esse direito. Agora, eu gosto de planejar sempre uma viagemzinha porque senão tu fica só em casa, acomodada, faz, faz, faz serviço. Então, pra sair da rotina a gente viaja. Gosto também de ir à igreja, tenho um grupo também na igreja, tenho também o grupo do Sesc.

A vida de Eoní está marcada pela rítmica da vida com laços de amizade oriundos de suas atividades junto ao SESC, dirigidas para todos aqueles que vivem a condição da terceira idade. As atividades promovidas junto as paróquias das igrejas, que são significativas para outras de nossas parceiras de pesquisa, nessa fase de suas vidas, não se destaca aqui para o caso dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas são algumas das narrativas das mulheres parceiras dessa pesquisa. Os encontros realizados foram marcados por reflexões, risos, confiança e manipulação de muitos objetos, cujas lembranças remontam suas trajetórias e biografias, enredadas como parte de um romance²³. Para Gonçalves (2007, p. 27) "A sugestão é que sem os objetos não existiríamos; ou pelo menos não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas."

Os objetos das brincadeiras das parceiras desta pesquisa apresentam histórias, ligam pessoas, tempos e lugares por onde passaram ao longo de suas vidas, mediando as relações "entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, passado e presente, entre o céu e a terra, entre outras oposições" (Gonçalves, 2007, p. 114). Além do objeto em si, o som, o cheiro ou mesmo a descrição de um objeto que já não mais existe, promove essa mediação.

²² Serviço Social do Comércio.

²³ Quantidade de fios enovelados, de modo a não se emaranhar; coisa enredada; trama.

Os objetos são seres palpáveis, que disparam sensações, fazem reverberar pensamentos, pelo simples fato de estarem ou terem estado lá, no ambiente doméstico, privado (Carvalho, 2008). E, nesse diálogo, promovem percursos curtos e longos, lineares e circulares, em tempos e espaços próximos e distantes. Ao ouvir as narrativas de mulheres em processo de envelhecimento, sobre sua relação com os objetos, se percebe de fato que “a poética da narratividade responde e corresponde à aporética da temporalidade” (Ricoeur, 2010, p. 142). Uma das razões pelas quais as parceiras de pesquisa apontam como parte de seus processos de negociação como ato de envelhecer numa cidade de interior, esgrimir com a “natureza social” da sua condição de mãe e dona de casa, ratificando, em boa parte, o que Cleci Fávaro assinala: “[...] a relação mulher e trabalho, mulher e maternidade, mulher e família, ou ainda, a equação mulher-trabalho-maternidade-família constituiu sua fraqueza e sua força, sua condição subalterna e paradoxalmente, um centro de poder” (Fávaro, 2002, p. 26).

Da mesma forma, os objetos ‘falam’ de um lugar, trazem a relação do sujeito com e no mundo, representando assim uma paisagem vivida. O fato de serem transmitidos a outro é um passo adiante em direção a um contrato, que se observa de modo sutil: eu te entrego o que me é caro, mas desejo que tu sempre te lembres de minha história. Esta reflexão traz questões sobre patrimônio familiar, herança geracional, cultura material, ficando visível a importância da passagem dos objetos e a retribuição. Assim sendo, “a presença da família permeia todos os membros de sua história de vida, de seu presente. É, em síntese, o estruturante que baliza a definição que emite de si mesma” (Ferreira, 1998, p. 212).

Em outro âmbito do público, mas que apresenta normas e modifica relações e a forma de vida de cada uma, está a forte relação com a religiosidade. Todas elas, sem distinção, possuem objetos de caráter religioso e suas narrativas tornam ainda mais visível a influência que a religião tem em suas práticas cotidianas. Não por acaso, mas estas relações de poder permeiam todo universo destas mulheres, pois as comunidades religiosas cercam as paróquias do interior. Por outro lado, alguns dos relatos biográficos trazem os novos arranjos das políticas públicas recentemente implantadas nos municípios das cidades do interior, e destinadas a população em situação de “terceira idade”, que revelam serem essas mulheres partícipes da dinâmica cultural que constrói de novas formas o envelhecer no contexto das modernas sociedades complexas.

Ao reler as narrativas daquelas parceiras que moram no município de Portão se observa que, todos os ex-prefeitos da cidade foram citados, um ou outro em cada fala,

em momentos distintos, por meio de assuntos diversos. Da mesma forma, as parceiras de pesquisa que residem em Novo Hamburgo também apresentaram em suas narrativas, a presença do poder público na condição de envelhecimento, ainda que se evidencie a importância da rede de amigos e vizinhos que a vida numa cidade do interior permite em relação à condição de vida nas grandes metrópoles, como aponta Gilberto Velho (2008).

Novamente ressaltamos que as narrativas são importantes para compreendermos que é “através das interações dos indivíduos desempenhando e reinventando papéis sociais que a história se desenrola” (Velho, Viveiros de Castro, 1978, p. 8). Em determinados momentos, as parceiras podem remexer os objetos e relembrar as coisas que viveram até aqui percorrendo lugares e espaços vividos. Estes são parte do patrimônio de suas vidas, de seus antepassados tanto quanto vão compor, de muitas formas, a de seus descendentes. Patrimônio que, “não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado”, mas, certamente, constrói e “forma as pessoas” (Gonçalves, 2007, p. 114). A ideia de patrimônio familiar para fazer sentido precisa estar melhor desenvolvida no texto.

Assim como os interlocutores das pesquisas apresentadas por Eckert (2002), as parceiras de pesquisa apostam em “trajetórias motivadas por projetos de vida cuja condição econômica e social é construída com base na educação e na profissionalização muito mais do que na posse de capital ou propriedades” (Eckert, 2002, p. 75). Os guardados das penteadeiras de nossas parcerias de pesquisa revelam o quanto são simbolicamente marcantes os vínculos e laços no interior da família, assim como a questão da espiritualidade.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. 1993. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes.

BOSI, Ecléa. 1994. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. – 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2008. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp.

CERTEAU, Michel de. 1994. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis, Vozes.

DEBERT, Guita Grin. 1999. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp.

DÍAZ, Raúl. 1999. Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodológica. **Horizontes Antropológicos** n. 12:37-58.

DURAND, Gilbert. 1984. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris, Dunod.

ECKERT, Cornelia. 2002. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: M. Minayo e Coimbra Jr. (orgs.), **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. pp. 73-102.

ECKERT, Cornelia; Ana Luiza Carvalho da Rocha. 2010. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Revista Rua**, Laboratório de Estudos Urbanos n. 16: 01-24.

_____. 2005. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS Editora.

FÁVARO, Cleci Eulália. 2002. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências, violências. Porto Alegre: EDIPUCRS.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. 1998. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: M. Barros (org.), **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. pp. 207-223.

FORNER, Fernanda. 2017. Instituto Humanitas. Unisinos. **Questão ambiental do Vale do Rio dos Sinos**. Disponível em <<http://unisinos.br/blogs/ihu/eventos/questao-ambiental-vale-rio-dos-sinos/>> Acesso em 14 de Nov de 2017.

FOOTE-WHYTE, William. 1975. Treinando a observação participante. Trad. Cláudia Menezes. In: **Desvendando Máscaras Sociais** / Guimarães, Alba Zaluar, org. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

_____. 2005. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria I. de Oliveira; Rev. Téc. Karina Kuschnir; Apres. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2007. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora Garamond.

HALBWACHS, Maurice. 2003. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

LEITE, Miriam Moreira. 2001. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. – 3. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MAGNANI, José G. C. 2009. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos** n. 32: 129-156.

NERY, Olívia Silva. **A invisibilidade na materialidade**: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat / Olívia Silva; Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, Orientadora; Pedro Sanches, Coorientador. - Pelotas, 2015. 220f. Dissertação (Mestrado em Memorial Social e Patrimônio) - Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memorial Social e Patrimônio, 2015.

NUNES, Margarete Fagundes; et al. 2013. Era um hino de fábrica apitando: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. **Etnográfica** [online] n. 2:269-291.

PRIORE, Mary Del. 2000. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac.

RICOUER, Paul. 2010. **Tempo e narrativa 1**: A intriga e a narrativa histórica / Paul Ricoeur; tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; Margarete Fagundes Nunes; João Figueiredo. 2016. Paisagens e Territorialidades da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos: uma etnografia do trabalho e da memória ambiental. In: M. Rodrigues; A. Kayser; W. Pedde (orgs.), **Rio dos Sinos e Qualidade Ambiental**. Porto Alegre: Evangraf. pp. 01-20.

VELHO, Gilberto; Eduardo Viveiros de Castro. 1978. **O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas**: uma perspectiva antropológica. *Artefato* *Jornal de Cultura* n. 1: 01-12.

VELHO, Gilberto. 2008. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.